

**A UNIDADE TEMÁTICA DE LUTAS PRESENTE NO COMPONENTE CURRICULAR
EDUCAÇÃO FÍSICA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL**

**THE THEMATIC UNIT OF FIGHTING IN THE PHYSICAL EDUCATION CURRICULAR
COMPONENT: CHALLENGES AND POSSIBILITIES FOR ELEMENTARY EDUCATIO**

Felipe Lobo De Souza

Graduado em Educação Física
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
(Palmas, Tocantins, Brasil)
E-mail: felipelobo@uft.edu.br

Lucas Coelho dos Santos

Especialista em Medicina do Esporte
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
(Palmas, Tocantins, Brasil)
E-mail: lcto77@gmail.com

Ruhena Kelber Abrão

Doutor em Educação em Saúde
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
(Palmas, Tocantins, Brasil)
E-mail: kelberabrao@uft.edu.br

Caio Vinicius Freitas De Alcântara

Mestre em Educação Física
Universidade Federal do Tocantins (UFT)
(Palmas, Tocantins, Brasil)
E-mail: caio_alcantara123@hotmail.com

Recebido: 15/07/2025 – Aceito: 24/07/2025

Resumo

As aulas de Educação Física podem e devem ser diversificadas, trabalhando mais do que um ou dois componentes curriculares, pois possui uma variedade de componentes, dentre eles as Lutas. Por isso, o objetivo geral desse trabalho é: Analisar a aplicabilidade do conteúdo de lutas para o ensino fundamental dentro do componente curricular de Educação Física. E em seguida elencou-se os seguintes objetivos específicos: Apresentar debates recentes sobre o ensino das lutas e sua relação com a educação física escolar no

campo científico; pontuar como é estruturado o conteúdo lutas no ensino fundamental; explorar quais os desafios e possibilidades para a materialização da prática docente em relação as lutas no ensino fundamental. Então a partir de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, buscou-se apresentar aspectos positivos para o ensino de Lutas na Educação Física escolar.

Palavras-chave: Lutas; Desafios; Educação Física.

Abstract

Physical Education classes can and should be diversified, working more than one or two curricular components, as it has a variety of components, including Fights. Therefore, the general objective of this work was: To analyze the applicability of the content of fights for fundamental education within the curricular component of Physical Education. And then the following specific objectives were listed: To present recent debates on the teaching of fights and their relationship with school physical education in the scientific field; Point out how content struggles in elementary school are structured; Explore what are the challenges and possibilities for the materialization of teaching practice in relation to struggles in elementary education. Then, from qualitative bibliographical research, we sought to present positive aspects for the teaching of Fights in Physical Education at school.

Keywords: Fights; Challenges; Physical Education.

1. Introdução

As lutas sempre estiveram presentes na história da humanidade, inicialmente, o termo empregava-se a materialidade, tendo como principal objetivo a sobrevivência, a manutenção de metas econômicas, e, ainda, a proteção de patrimônio, depois o termo sofreu alterações em suas definições, passando a ser entendido também como espaço para lutas subjetivas para atingir autocontrole, buscando o desenvolvimento do aprendizado e/ou equilíbrio pessoal/afetivo (ARAÚJO; ALENCAR, 2018).

Em todas as eras da existência humana e em todos os povos como japoneses, egípcios, chineses, gregos, romanos e babilônicos há indícios da existência de lutas¹, datadas como antes de Cristo, chegando até o que se tem hoje. Assim, é complexo definir quando e como foi a origem delas, entretanto, os responsáveis por inseri-las em categorias

¹ A definição sistêmica e concreta de lutas pelo dicionário Luft é: “combater/ pelejar, brigar/ disputar, competir/ trabalhar arduamente, esforçar-se, empenhar-se”, neste mesmo sentido, a BNCC define-as como “disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário”.

esportivas foram os gregos, com os Jogos da Grécia Antiga no século 7 a.C., com uma modalidade conhecida como o Poncrácio² (MAZZONI; OLIVEIRA JUNIOR, 2011).

Posteriormente, os jogos e Olimpíadas foram crescendo e alterando suas modalidades, deixando em evidencia a evolução das artes marciais que, conforme Carneiro, Picolli e Santos (2015) começaram com o homem primitivo que buscavam formas de sobreviver utilizando técnicas tanto para caçar, quanto para o combate, passando pela necessidade de organização militar e religiosa que veio com a Revolução Agrícola e as lutas pela conquista e emancipação de territórios até chegar ao que se tem hoje.

Dessa forma, é possível afirmar que as lutas sofreram um amplo processo de ressignificação, recebendo influência do momento histórico, social e cultural. Assim, as lutas enquanto modalidade esportiva emergem das artes marciais, que, inicialmente, visavam a sobrevivência em campo de batalha, mais tarde, a critério de organização, começam a ser utilizados critérios de divisão, como peso, graduação, sexo e implementação de regras.

Nesse sentido, (MAZZONI; OLIVEIRA JUNIOR, 2011) afirmam que as lutas podem ser divididas em orientais ou ocidentais, todas influenciadas por uma multiplicidade de modalidades e momentos históricos que produziram, no Oriente, o Kung-Fu ou boxe Chinês, o Karatê, Judô, Jiu-jitsu e Tae-kwon-Do no Japão, Muay-Thai e Krav-Maga na Tailândia e no Ocidente, Wrestling, Kickboxing e Boxe nos EUA e Inglaterra, o Savate na França, a Capoeira, Luta Livre, Bjj (Jiu-jitsu) e, ainda, as lutas que carregam aspectos regionais e culturais do Brasil, como é o caso das lutas indígenas, marajoara, huka-huka, derruba toco, entre outras, que recebem características e regras de acordo com a região ou cultura em que se populariza.

Dessa forma, observa-se na contemporaneidade, que as lutas estão ainda mais presentes na vida das pessoas, uma vez que recebe maior visibilidade midiática, por meio de filmes, vídeos e programas televisivos, mas com pouco ou quase nenhuma visibilidade pela escola e professores, uma vez que são secundarizadas em instituições de ensino fundamental (BRANDÃO, 2018).

Assim, sabe-se que as lutas se caracterizam como objeto de ensino do componente curricular de Educação Física e estão presentes como conteúdos estruturantes nos documentos oficiais que regem a educação no Brasil, como por exemplo, nas Diretrizes

² Arte marcial nascida na Grécia antiga, o esporte estreou no 33º evento de Jogos Olímpicos da Antiguidade, era definido como junção de técnicas de combate que, semelhante a luta greco-romana, envolvia elementos boxe, estrangulamento, chutes, golpes e técnicas de travamento das

Curriculares Nacionais – DCN's (BRASIL, 2001) e na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018).

É válido ressaltar que mesmo as lutas estando presentes nos documentos oficiais como os acima mencionados, por vezes na instituição de ensino, elas são reduzidas ao dia da consciência negra com a inserção ou apresentação da capoeira e/ ou a projetos sociais no contra turno, aos finais de semana, atividades extraclasse, entre outros.

Neste sentido, aparece em evidência no presente trabalho a seguinte problemática: Porque o ensino das lutas no ensino fundamental não aparece em evidência nos conteúdos que são trabalhados no componente curricular de Educação Física?

Uma vez que se entende que as mesmas se relacionam com a educação física a medida em que são entendidas como componentes da cultura corporal de movimento por meio da atividade e do sentido empregado a elas, que não devem ser vistas e analisadas somente como um conjunto de técnicas sistematizadas, mas entendidas também como conjunto de valores socioculturais que foram o patrimônio cultural imaterial da humanidade, devendo então, ser compartilhado pela educação física.

Dessa forma, a pesquisa assume como objetivo geral “Analisar a possível aplicabilidade do conteúdo de lutas para o ensino fundamental dentro do componente curricular de Educação Física” e como objetivos específicos: “Apresentar debates recentes sobre o ensino das lutas e sua relação com a educação física escolar no campo científico”; “Pontuar como é estruturado o conteúdo lutas no ensino fundamental”; “Explorar quais os desafios e possibilidades para a materialização da prática docente em relação as lutas no ensino fundamental”.

O trabalho visa, ainda potencializar o ensino em sua integralidade, para que os alunos tenham também, no contato com a componente curricular supracitada, uma formação ética, social, histórica e cultural, e isso só será possível se o profissional assumir o compromisso de implicar-se com a profissão. Nesse sentido, serão feitos alguns apontamentos a respeito da prática pedagógica preocupada com a formação integral a partir do componente curricular Lutas.

Deste modo, a partir dessas reflexões acerca do conteúdo de lutas, compreende-se que a prática desse esporte contribui positivamente para os objetivos descritos como sendo parte inerente ao componente curricular em questão, entendendo que devido ao fator histórico e cultural embutido nesse conteúdo, o mesmo mobiliza aqueles que praticam

não só a movimentar o corpo, mas também a refletir sobre o que estão fazendo e atribuir sentido a essas ações, trabalhando em conjunto com outros alunos, ou seja, formando por meio da prática, a noção de coletividade.

Dessa forma, pessoalmente, justifica-se esse trabalho de conclusão de curso pelo contato prévio com as lutas em diversos ambientes fora da faculdade, desde a infância até a atualidade, o conteúdo tem estreita relação com a história de vida que trilei, resultando no desejo de conhecer ainda mais o esporte para além dos espaços da academia, mas assim academicamente, no que tange às suas características, categorias e modalidades. O que resultou em uma inquietação ao perceber que a literatura sustenta que as lutas ainda são pouco estudadas nas escolas e, ainda que estejam dentro do plano curricular de ensino e os alunos tenham o direito de vivenciá-las.

No que tange a justificativa social, este estudo é de suma importância, sobretudo, para professores que estão em atuação e para os que ainda estão em formação, possibilitando que estes possam conhecer as lutas enquanto produção acadêmica, as possibilidades de atuação no ensino fundamental, para além do que é divulgado nas produções midiáticas.

Cientificamente, esse estudo é validado, primeiro, pela inexistência ou baixa produção acadêmica com relação a este tema, segundo, pela necessidade em conhecer quais elementos dessa prática contribuem com os objetivos da Educação, por fim, mas não menos importante, poderá servir como respaldo para professores de Educação Física, fornecendo a eles o suporte necessário para a ensinagem do conteúdo de Lutas.

1.1 Metodologia

Nos guiamos, neste trabalho de conclusão de curso, por uma perspectiva plurimetodológico. Portando, utilizamos diferentes métodos para desenvolver nossa pesquisa, sempre considerando a natureza qualitativa. A pesquisa qualitativa, para Denzin e Lincoln (2006), trata-se de uma análise interpretativa do mundo, por possibilitar que os pesquisadores estudem seus fenômenos ainda no habitat natural, tentando entender os sentidos e significados associados pelas pessoas aos mesmos.

Inicialmente, realizamos uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2002, p.44) para analisar como o campo científico tem discutido as lutas nas aulas de educação física. A pesquisa bibliográfica é de suma importância para a construção da pesquisa, pois, nos permite

conhecer o fenômeno estudado, baseando-se no estudo do que já foi publicado, para tal é necessário que o pesquisador se aproprie do conhecimento estudado e material analisado (SOUSA, OLIVEIRA; ALVES, 2021).

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas (GIL, 2002, p. 44).

Os artigos foram compilados em uma única pasta, utilizando como critério para inclusão e exclusão das literaturas os itens mencionados a seguir:

- a) **Inclusão:** Que tenha a palavra “lutas” no título; artigos que falem de lutas no contexto do ensino fundamental; artigos que tenham sido publicados de 2018-2022.
- b) **Exclusão:** artigos escritos em língua estrangeira; artigos que falem de luta fora do contexto do ensino fundamental; artigos publicados até 2017.

A Seguir, utilizamos a pesquisa descritiva, que segundo Gil (2002, p. 42) “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno”, que possibilitará nortear nossa apresentação e investigação do conteúdo Lutas no documento norteador da educação nacional, BNCC (BRASIL, 2017) e no Referencial Curricular do Tocantins (TOCANTINS, 2020).

Por último, mobilizamos conceitos da pesquisa do tipo exploratória (GIL, 2002) para produzir dados que nos permitam compreender os desafios e possibilidades do ensino das lutas no cotidiano escolar, a partir de narrativas de professores.

2. Revisão da Literatura

2.1 A unidade temática de Lutas presente na literatura

A busca de textos, analisados nesse tópico, nos permite, embora de maneira superficial, compreender um pouco do debate sobre o ensino das lutas na educação física

escolar, contribuindo para a compreensão da questão norteadora deste estudo de trabalho de conclusão de curso.

Nesse sentido, criamos a Tabela 1, a seguir, organizando os artigos mapeados em uma pasta no notebook, a fim de facilitar a análise dos dados. Com isso, ordenamos por ano de publicação, destacamos os autores e os títulos dos artigos. Posteriormente, de posse dessas informações, construímos então a tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Artigos mapeados sobre as lutas no componente curricular educação física

Autores (a)	Título	Ano
Santos, Freitas	Luta marajoara e memória - Práticas "desviadas" na educação física escolar em Soure-Marajó	2018
Harnisch, Walter, Guilherme, Silva, Lottermann, Borella	As lutas na educação física escolar: um ensaio sobre os desafios para sua inserção	2018
Hegele, González, Borges	Possibilidades do ensino das lutas na escola: uma pesquisa-ação com professores de educação física	2018
So, Betti	Sentido, mobilização e aprendizagem: as relações dos alunos com os saberes das lutas nas aulas de educação física	2018
Sousa	O ensino de lutas corporais indígenas na Educação Física Escolar: um relato experiência	2021

Fonte: o autor

A seguir, serão explorados os objetivos e as contribuições dos estudos sobre as lutas na escola, na perspectiva de cada autor e autora supracitados, assim como a percepção de leitura a partir destes.

O texto de Santos e Freitas (2018) teve por objetivo discutir memória e esquecimento sobre o trato com o conhecimento da luta marajoara no contexto das aulas de educação física no município de Soure-Marajó. Os resultados produzidos pelas autoras revelaram que a maioria dos docentes não trata o conhecimento da em suas aulas. Todavia, a constatação não seguiu a linha de culpabilização didática dos professores, mas colocou acento em ordem maior como questões relativas à memória social, ao esquecimento histórico e à alienação do trabalho.

Harnisch, Walter, Guilherme, Silva, Lottermann, Borella (2018) objetivaram discursar acerca dos desafios para a inserção do conteúdo lutas na educação física escolar. Os resultados coletados evidenciaram que quando levado em

consideração o conteúdo lutas, que ainda é menosprezado nas escolas, é de extrema importância que o professor se envolva com o mesmo, procurando se aprofundar no assunto, superar as dificuldades de ausência de espaço e vestimenta adequada, bem como da visão do senso comum que retrata as lutas como sinônimo de violência. Assim, envolvendo-se na mudança para uma nova realidade. Realidade esta que, finalmente, atenderá aos documentos que a citam enquanto conteúdo contemplado dentre as práticas corporais a serem desenvolvidas nas aulas de Educação Física.

Por sua vez Hegele; González; Borges (2018) delinearam o objetivo de verificar quais são as consequências de uma experiência de formação colaborativa, nas concepções de professores acerca da abordagem das lutas nas aulas de educação física escolar. Identificando nos resultados de maneira inicial que os professores não se sentiam em condições de tematizar as lutas na escola. Especialmente, porque não tiveram um componente curricular específico em sua formação inicial. No entanto, após a realização do estudo, os docentes compreenderam que é possível trabalhar com as lutas nas aulas de educação física. Os principais fatores que geraram essa alteração foram o estudo dos jogos de lutas e sua classificação com base nas distâncias, a produção de tarefas durante os encontros e a vivência corporal nas reuniões.

No que lhe diz respeito, Sousa (2021) traçou o objetivo de relatar a experiência de uma professora em uma escola pública municipal da cidade de Quixeramobim, na região do Sertão Central no estado do Ceará. Os seus resultados evidenciaram que é perceptível a batalha que os professores diariamente vêm travando no planejamento de suas aulas, em que se deve pensar não somente sobre a qualidade do material que será trabalhado, mas se esse material vai de encontro aos preceitos das famílias ou da escola, que muitas vezes se dizem tradicionais, e não enxergam um material com fins educativos de forma mais crítica.

Mas, no caso da temática indígena, por exemplo, podem interpretar com um cunho meramente sexual e que é impróprio para a sala de aula. Outra questão que os professores devem refletir é sobre a sua qualificação profissional na área de Educação Física acerca dos conteúdos indígenas, visto que tal temática é

obrigatória de acordo com a Lei nº 11.645 de 2008; pois muitas vezes por falta de conhecimento e por não procurar se aprofundar ou até mesmo conhecer minimamente sobre este assunto, negam a aprendizagem, que é processo constante na educação, para si mesmo e para os discentes, ou ainda repassam de forma mítica e folclorização de tais conhecimentos.

De outro modo So e Betti (2018) visaram como objetivo compreender como os alunos se relacionam com os saberes das lutas nas aulas. Encontrando resultados que apontam que relações identitárias e sociais condicionaram os sentidos iniciais e o interesse dos alunos pelas lutas, assim como as estratégias de ensino condicionaram a mobilização ou desmobilização para a aprendizagem.

Os textos supracitados tiveram como maior interesse discutir as lutas que perpassam pelo componente curricular Educação Física, todavia, cada um no seu aspecto pessoal de discussão. No entanto o que foi percebido que é de “comum acordo” que as lutas ainda são menosprezadas nas aulas e suas discussões ainda são distantes de uma realidade (SANTOS, FREITAS, 2018).

Santos e Freitas (2018) fazem alusão a *luta marajoara* e evidenciam que sua origem é incerta, típica da região marajoara e seus principais fundamentos são o “agarre” e a “derrubada”. É também manifestada como atrativo turístico-cultural aos visitantes da Ilha do Marajó. Com o objetivo principal de “sujar as costas do adversário”, os locais são geralmente os que remetem a características próprias da região.

Ainda neste estudo, foram entrevistados nove professores e a pergunta norteadora dizia respeito a trabalhar a luta marajoara no conteúdo de lutas e somente dois dos profissionais entrevistados alegaram ter trabalhado com a temática em questão. E ainda assim não houveram atividades práticas por falta de habilidade técnica para tal. Entretanto, a experiência de um dos professores foi bastante interessante, pois o mesmo relatou que um dos alunos reconheceu um dos golpes e ficou admirado ao saber que poderia realizá-lo, trata-se da aproximação com a realidade.

Os profissionais que não abordaram sobre a *luta marajoara* em nenhum momento, têm seus argumentos que figuram três eixos principais: a falta de contato com alguém que pratique a modalidade, desconhecimento dos profissionais sobre

a luta e a carência de práticas da modalidade. Percebemos que ainda que diversos professores tenham “memórias” a respeito das práticas da *luta marajoara* em diversos momentos, não há afinidade para que possam aplicar o conteúdo em sala de aula (SANTOS, FREITAS, 2018).

Ou mencionam a falta de preparo ou ainda a ausência de recursos e a suposta violência intrínseca das lutas (NASCIMENTO, ALMEIDA, 2007). Argumentos que não deveriam ser mais válidos na atualidade. Uma vez que hoje existem diversos recursos que perpassam desde a formação continuada, a construção de materiais adaptados e a desmistificação da violência no ambiente das lutas.

Percebe-se que os argumentos que embasam o discurso dos profissionais que não trabalham as lutas em seus conteúdos, não têm eficácia na atualidade, uma vez que existem documentos que norteiam a prática das lutas como conteúdo. No entanto, apesar de todo o amparo legal ainda é dificultoso para os professores a aplicabilidade.

Diversas vezes a falta de domínio de conteúdo vem da graduação, onde pode ocorrer que o professor que ministra a disciplina de lutas tenha contato com apenas uma modalidade e priorize a mesma para o andamento da disciplina e não o que de fato importa, o trato pedagógico.

Entretanto, os estudos realizados, trouxeram à tona a elaboração de propostas que pudessem incluir a prática de lutas, sistematizando ações para que os professores possam se apropriar de bases para desenvolvem e aplicar o conteúdo lutas no cotidiano escolar. Visto as baixas produções acadêmico-científica que relaciona lutas e temas educacionais (CORREIA, FRANCHINI, 2010).

O que se sabe de fato, a partir das leituras realizadas é que por diversas vezes o conteúdo de lutas é minimamente trabalhado, ou até mesmo excluído dos planejamentos, ainda que haja aporte legal para trabalhar-se o mesmo. Sabe-se também que muitos professores não estão preparados para ministrar aulas com essa temática, percebe-se que o problema começa ainda na graduação e posteriormente na falta de formação continuada, assim como há um problema que é social, onde os alunos e professores ainda acreditam que a luta tenha alguma correlação com violência e acabam propagando este estigma.

Nesse sentido, a função do componente curricular Educação Física é justamente proporcionar a prática com elementos da cultura de movimento por meio de critérios didático-pedagógicos. Ou seja, é importante no caso das lutas, romper com os paradigmas que foram pré-estabelecidos que a associa com a violência.

Muito se discute a respeito da legitimidade para trabalhar ou não a temática de Lutas, mas afinal, o que sabemos sobre os dispositivos curriculares que estão disponíveis para o ensino fundamental? Será que os mesmos abrangem a temática em questão ou a deixam de fora? É o que discutiremos a seguir.

2.2 A unidade temática de Lutas presente nos dispositivos curriculares

Nunes (2021) em seu trabalho intitulado “O dispositivo currículo: a produção do sujeito professor de educação física”, aponta o dispositivo como a maneira a qual se pode incorporar a determinado contexto informações diferentes umas das outras, nesse sentido entende-se o termo “dispositivo curricular” como uma ferramenta de ação para agir em determinado contexto social.

Um dispositivo é a rede na qual se pode tecer elementos heterogêneos, cuja natureza dessa relação, discursiva ou não, se dá em um jogo no qual ocorrem mudanças de posição e de modificação de funções, que também são diferentes. Para Foucault, o dispositivo tem uma função estratégica dominante que visa atender a uma urgência em determinado momento histórico. Isso supõe que para o seu acontecimento seja necessária determinada manipulação das relações de força, de uma intervenção racional e organizada nessas relações (NUNES, 2021, p.662).

A partir de tal entendimento, foram elencados documentos e obras que norteiam o componente curricular educação física e a existência do conteúdo de lutas nos mesmos. No livro Metodologia do Ensino da Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1991) a manifestação do conteúdo de lutas aparece por meio da capoeira.

Já em 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) trazem conteúdos norteadores para os ensinos fundamental e médio e alertam que os professores deveriam desenvolver o conteúdo de lutas. No segundo documento, é evidenciado que o professor precisa de um ambiente para a realização das atividades deste conteúdo, mas que a ausência do mesmo não justifica a não realização das atividades.

Meados de 2015 vários estados brasileiros confirmam em suas diretrizes curriculares que deve ser ensinado o conteúdo de lutas. Mais tarde, a BNCC (2018) também considera as lutas como parte dos conteúdos. A BNCC nada mais é do que o documento norteador da educação básica no país, onde são definidos os conteúdos a serem trabalhados, assegurando direitos e desenvolvimento.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2018, p.7).

A nível estadual, temos o Referencial Curricular do Tocantins (RCT), que de modo geral visa ressignificar o ambiente escolar.

A intenção deste documento consiste na garantia ao direito à aprendizagem, ao desenvolvimento das potencialidades e capacidade transformadora dos estudantes, numa perspectiva de formação integral e cidadã em todo o território. Os pressupostos impressos neste documento perpassam pelo repensar e ressignificar espaços e estratégias de aprendizagem, modelos pedagógicos, relações docentes, processos avaliativos, considerando o estudante como centralidade do ensino e aprendizagem. Convictos de que o Documento Curricular do Tocantins contempla oportunidades iguais, por meio de percursos diferentes, e acolhe os anseios dos profissionais da educação, sua implementação conduz para a oferta de uma educação que edifica uma sociedade digna e justa.

Em um primeiro momento a BNCC faz alusão às lutas sutilmente dentro da unidade temática dos esportes, mais precisamente esporte de combate, onde “o oponente deve ser subjugado, com técnicas, táticas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço, por meio de combinações de ações de ataque e defesa” (BRASIL, 2018, p.216).

Entretanto, mais à frente a própria BNCC traz uma unidade temática exclusiva para as Lutas que “focaliza as disputas corporais” por meio de algumas técnicas, com o objetivo de “imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir” o adversário, são utilizadas também estratégias e combinações de determinadas ações de “ataque e defesa” (BRASIL, 2018, p. 2018).

O Intuito da BNCC é dar legitimidade para que o professor possa trabalhar não somente lutas locais, mas também a nível nacional e mundial. As lutas estão presentes nos objetos de conhecimento a partir do 3º ano do ensino fundamental, e estão divididas da seguinte forma:

Tabela 2 – organização de conteúdos segundo a BNCC.

<u>Unidade temática</u>	<u>Anos</u>	<u>Objetos de conhecimento</u>	<u>Habilidades</u>
<u>Lutas</u>	<u>3º a 5º</u>	Lutas do contexto comunitário e regional Lutas de matriz indígena e africana.	Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas presentes no contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana. Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana experimentadas, respeitando o colega como oponente e as normas de segurança. Identificar as características das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana, reconhecendo as diferenças entre lutas e brigas e entre lutas e as demais práticas corporais.
<u>Lutas</u>	<u>6º e 7º</u>	<u>Lutas do Brasil</u>	<u>Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas do Brasil, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais.</u> <u>Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do Brasil, respeitando o colega como oponente.</u> <u>Identificar as características (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária, materiais, instalações, instituições) das lutas do Brasil.</u> <u>Problematicar preconceitos e estereótipos relacionados ao universo das lutas e demais práticas corporais, propondo alternativas para superá-los, com base na solidariedade, na justiça, na equidade e no respeito</u>
<u>Lutas</u>	<u>8º e 9º</u>	<u>Lutas do mundo</u>	<u>Experimentar e fruir a execução dos movimentos pertencentes às lutas do mundo, adotando procedimentos de segurança e respeitando o oponente.</u> <u>Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas experimentadas, reconhecendo as suas características técnico-táticas.</u> <u>Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiaticização de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem.</u>

Fonte: Base Nacional Comum Curricular, 2018.

A exemplo da BNCC, o estado do Tocantins formulou o Referencial Curricular do Tocantins – RCT, dentro dele incluído o componente curricular Educação Física, no intuito de “alcançar as reais necessidades dos estudantes, compreendendo suas características e procurando enfatizar e respeitar a Cultura Corporal de Movimento” (TOCANTINS, 2019, p. 346). Não se limitando apenas ao movimento corporal, mas sim, visando expressar a cultura local e da humanidade.

Por isso é pretendido no Tocantins que a partir do ensino desse conteúdo os estudantes possam garantir uma construção de saberes. Nesse sentido, é importante que seja ressaltado o sujeito histórico que cada criança é, e que vem se construindo ao longo da vida. Ou seja, ela não chega na escola como um sujeito vazio esperando adquirir apenas novos conhecimentos, ela deve ser vista como sujeito cultural que tem uma história de vida e experiências a serem valorizadas, para assim poder potencializar a absorção de novos conhecimentos e então devolve-la para diversos ambientes sociais (TOCANTINS, 2019).

Nesse sentido elencou-se também competências específicas para o Ensino Fundamental, onde o RCT de Educação Física propõe as práticas corporais como Unidades Temáticas, assim como na BNCC, sendo elas: “Brincadeiras e Jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas Corporais de Aventura” (TOCANTINS, 2019, p. 344).

No entanto, com o intuito de respeitar a regionalidade, as brincadeiras e jogos, lutas e danças apresentam uma progressão que vai dos mais familiares aos menos familiares. Ou seja, do contexto local para o nacional, posteriormente mundial. Dando ênfase aqueles de matrizes africanas e/ou indígenas.

No RCT (2019), a unidade temática de Lutas “disputas corporais, que combinam ações de ataque e defesa, em direção ao adversário, com uso de técnicas, táticas e estratégias, para atingir ou excluí-lo de um determinado espaço, por meio da imobilização e do desequilíbrio corporal”. Em outras palavras, estão em concordância com o que foi dito na BNCC. E também estão presentes do 3º ao 9º ano, entretanto dando autonomia ao professor que julgar necessário trabalhar a unidade temática em outros anos.

No 3º ano, as lutas estão descritas partindo do conhecimento dos estudantes sobre a prática e as influências que trazem para suas vidas, buscando valorizar e ampliar o conhecimento e experiências a respeito delas, no contexto comunitário. No 4º ano, abordam-se as lutas do contexto regional, na intenção de expandir o conhecimento sobre essa prática, identificando também se existe a presença de lutas originárias dos outros estados da região norte e regiões do Tocantins. Ex.: Idjassú. No 5º ano, ao desenvolver as lutas de matriz indígena e africana, deve-se dar ênfase ao contexto tocantinense, procurando valorizar as oito etnias indígenas existentes no estado: Karajá, Xambioá, Javaé, Xerente, Krahô, Krahô Kanela, Apinajé e Avá Canoeiros, além das comunidades quilombolas. A partir do 6º ano, esse currículo propõe o estudo das lutas presentes no Brasil (capoeira, huka-huka, luta marajoara, etc.) e no mundo (judô, aikido, jiu-jítsu, muay thai, boxe, chinêsboxing, esgrima, kendo, etc.). É importante enfatizar que no 8º e 9º anos os estudantes devem perceber as transformações das lutas em esportes de combate, que também é objeto de conhecimento nesses anos. Vale destacar que o professor de Educação Física é um mediador e não precisa ser um

lutador, mas sim permitir que os estudantes vivenciem as diferentes manifestações de lutas (TOCANTINS, 2019, p. 246-247).

Nesse sentido, foi elaborado o Organizador Curricular, a partir da BNCC e do Referencial Curricular do Tocantins – RCT (2009), visando atender as especificidades do estado. Foram utilizadas também sugestões pedagógicas, subdividido por ano, semestre e bimestre de atuação, onde observamos que as lutas estão sempre alocadas no 4º bimestre dos respectivos anos. Vide tabela a seguir:

Tabela 3 – organização de conteúdos segundo o RCT.

<u>Ano</u>	<u>Objetos de conhecimento</u>	<u>Habilidades</u>	<u>Sugestões Pedagógicas</u>
<u>3º</u>	Lutas do contexto comunitário	Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas presentes no contexto comunitário; Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do contexto comunitário experimentadas, respeitando o colega como oponente e as normas de segurança; Identificar as características das lutas do contexto comunitário, reconhecendo as diferenças entre lutas e brigas e entre lutas e as demais práticas corporais.	As lutas do contexto comunitário são aquelas que os estudantes identificam e reconhecem no ambiente social em que vivem. O professor como mediador, por meio de vídeos e relatos pode levar os estudantes, inicialmente, a experimentar e fruir as lutas (desfrutar da prática ou apreciar outras pessoas praticando), a fim de valorizar e ampliar o conhecimento e experiências a respeito delas, planejando estratégias para respeitar o oponente e as normas de segurança, podendo recriá-las. As regras e movimentos partem do mais simples para os mais complexos. Pode-se vivenciar os golpes das lutas em materiais como balões, colchonetes e bolas, explorar o contato com o outro realizando atividades lúdicas com deslocamentos no espaço e desequilíbrio, incluindo os jogos de oposição.
<u>4º</u>	Lutas do contexto regional (Regiões do Tocantins e Região Norte). Ex: luta marajoara, Idjassú, dentre outras	Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas presentes no contexto regional (Regiões do Tocantins e Região Norte do Brasil); Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas presentes no contexto regional (Regiões do Tocantins e Região Norte do Brasil) experimentadas, respeitando o colega como oponente e as normas de	Optou-se por expandir as lutas do contexto regional para regiões do Tocantins e região norte, a fim de ter mais opções de modalidades de lutas a serem exploradas nas aulas. O professor não precisa ser um especialista em lutas, mas deve mediar a exploração de alguns aspectos das lutas: habilidades motoras necessárias para a prática das modalidades (ex: socar, chutar, agarrar ou empurrar e segurar); capacidades físicas (força,

		segurança; Identificar as características das lutas presentes no contexto regional (Regiões do Tocantins e Região Norte do Brasil), reconhecendo as diferenças entre lutas e brigas e entre lutas e as demais práticas corporais.	resistência e potência muscular) que podem ser aprimoradas com a prática das lutas.
<u>5º</u>	Lutas de matriz indígena e africana, com ênfase ao contexto tocantinense. Ex: Capoeira, Idjassú, dentre outras.	Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas presentes nas lutas de matriz indígena e africana, com ênfase ao contexto tocantinense. Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas de matriz indígena e africana experimentadas, respeitando o colega como oponente e as normas de segurança; Identificar as características das lutas de matriz indígena e africana, reconhecendo as diferenças entre lutas e brigas e entre lutas e as demais práticas corporais.	No 5º ano, uma possibilidade de exploração das lutas é a compreensão histórica das lutas, que parte das lutas como forma de sobrevivência, passando pela análise de sua transformação através dos tempos até chegar às modalidades que conhecemos hoje, de forma simples, respeitando a idade dos estudantes. As lutas de matriz africana podem ser representadas pela capoeira que é Patrimônio Histórico Brasileiro. O Tocantins apresenta as lutas de matriz indígena, como por exemplo, o Idjassú. As lutas indígenas possuem significados que dependem do contexto da prática: celebração, ritos de passagem, disputa entre grupos, jogos de apresentações, dentre outros. A compreensão e escolha de algumas modalidades para experimentação possibilitam a criação de estratégias para resolução de desafios peculiares a prática, enfatizando o respeito e diferenciando lutas de brigas.
<u>6º</u>	Lutas do Brasil, inclusive de matriz indígena: histórico, características e prática. Ex: Idjassú, huka-huka, dentre outras.	Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas do Brasil, inclusive de matriz indígena valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais. Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do Brasil, inclusive de matriz indígena respeitando o colega como oponente. Identificar as características (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária,	Os exemplos de lutas do Brasil se repetem no 6º e 7º anos, cabendo ao professor escolher as que melhor se adequem a sua realidade, não sendo necessário repetir as mesmas modalidades nos dois anos. Também podem ser desenvolvidas as mesmas lutas, com grau de complexidade maior, em anos posteriores. As habilidades estão voltadas à experimentação, com valorização da segurança própria e alheia, respeito aos colegas como oponentes, identificação de características (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária, materiais, instalações, instituições), bem

		materiais, instalações, instituições) das lutas do Brasil, inclusive de matriz indígena. Problematizar preconceitos e estereótipos relacionados ao universo das lutas e demais práticas corporais, propondo alternativas para superá-los, com base na solidariedade, na justiça, na equidade e no respeito. Reconhecer a história e a localização geográfica das diferentes lutas presentes no Brasil, inclusive de matriz indígena.	como a problematização e reflexão sobre os preconceitos e estereótipos relacionados ao universo das lutas. No 7º ano, as habilidades estão voltadas à discussão dos processos de transformações históricas, de esportivização e de mediação, o que auxilia o professor na organização das aulas vivenciando os golpes das lutas em materiais como balões, colchonetes e/ou bolas e explorando o contato com o outro, realizando atividades lúdicas com deslocamentos no espaço e desequilíbrio, incluindo os jogos de oposição.
<u>7º</u>	Lutas do Brasil, inclusive de matriz africana (histórico, características e prática). Ex: capoeira.	Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas do Brasil, inclusive de matriz africana valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais. Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do Brasil, inclusive de matriz africana respeitando o colega como oponente. Identificar as características (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária, materiais, instalações, instituições) das lutas do Brasil. Inclusive de matriz africana. Problematizar preconceitos e estereótipos relacionados ao universo das lutas e demais práticas corporais, propondo alternativas para superá-los, com base na solidariedade, na justiça, na equidade e no respeito.	A capoeira, patrimônio cultural brasileiro, é um forte exemplo de uma luta da matriz africana, que pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades propostas para esta prática.
<u>8º</u>	Lutas do mundo: lutas da cultura mundial	Experimentar e fruir a execução dos movimentos pertencentes às lutas do mundo, adotando procedimentos de segurança e	A mesma aula pode trabalhar pedagogicamente o conteúdo lutas e esporte de combate (lutas) estando as duas práticas descritas no currículo como uma forma de organização e

	oriental (histórico e prática).	respeitando o oponente. Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas experimentadas, reconhecendo as suas características técnico-táticas. Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiatização de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem.	entendimento, a respeito das diferentes habilidades que elas podem desenvolver, nos diferentes contextos em que se apresentam.
9º	Lutas do mundo: lutas da cultura mundial ocidental (histórico e prática).	Experimentar e fruir a execução dos movimentos pertencentes às lutas do mundo, adotando procedimentos de segurança e respeitando o oponente. Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas experimentadas, reconhecendo as suas características técnico-táticas. Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiatização de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem.	No que se refere aos esportes de combate, os estudantes devem experimentar aqueles da cultura ocidental mundial, adotando procedimentos de segurança e respeito ao oponente, discutindo as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiatização das lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem da modalidade.

Fonte: Referencial Curricular do Tocantins – Educação Física, 2019.

A partir da análise detalhada dos documentos mencionados anteriormente (BNCC e RCT), pudemos perceber que a Base propõe o conteúdo de lutas de forma generalizada, em um primeiro momento são agrupados os anos do Ensino Fundamental séries iniciais a partir do 3º ano, sendo 3º a 5º ano, e posteriormente os anos do Ensino Fundamental séries finais de modo bianual, sendo 6º e 7º ano, e 8º e 9º ano. Entretanto, respeitando uma evolução de conteúdos que vai do contexto local ao mundial.

No RCT o conteúdo Lutas passa a ser organizado de maneira sistematizada e ganha maior destaque, pois o documento detalha anualmente e propõe sugestões

pedagógicas que podem ser trabalhados a partir do 3º ao 9º ano do Ensino Fundamental. No entanto o documento não traz novidades.

Ao mesmo tempo que detalha o que é sugerido na BNCC, não vai além disso. No documento em questão, há um forte traço do contexto local, e regional, que ao meu ver é de suma importância, pois valorizar as lutas de origem indígenas e de matrizes africanas são contribuições importantes para o enriquecimento da identidade local.

6 Limites e possibilidades do ensino das lutas na educação física ensino fundamental

Antes de mais nada, é importante frisar a Educação Física enquanto componente curricular obrigatório de ensino, tanto na educação infantil, quanto no ensino fundamental, vale ressaltar ainda que tal obrigatoriedade está prevista em Lei, mais precisamente na LDB, art. 26, parágrafo 3º. Para Souza Junior, componente curricular é:

[...] no sentido de matérias de ensino, não apenas um constituinte do rol de disciplinas escolares, mas um elemento da organização curricular da escola que, em sua especificidade de conteúdos, traz uma seleção de conhecimentos que, organizados e sistematizados, devem proporcionar ao aluno uma reflexão acerca de uma dimensão da cultura e que, aliado a outros elementos dessa organização curricular, visa a contribuir com a formação cultural do aluno. (SOUZA JÚNIOR, 2001, p. 83).

Então, a partir da LDB e suas modificações em 2014, a Educação Física assume o lugar de obrigatoriedade na escola, passa agora a fazer parte do planejamento e da proposta pedagógica entregue pela escola, garantindo o compartilhamento de conhecimento por meio das práticas corporais.

Após a Educação Física assumir o papel de obrigatoriedade, agora é a vez de ampliar os temas ou conteúdos a serem trabalhados no componente curricular, essa ampliação não acontece automaticamente e não se efetiva rapidamente, requer tempo e é um processo lento. Além do mais, o conteúdo de lutas é uma temática pouco acessada, pois sua didática requer uma atenção especial.

Muitos são os questionamentos e as preocupações por parte dos profissionais de Educação Física para trabalhar ou não o conteúdo de lutas nas aulas, esses questionamentos perpassam desde preconceitos existentes, até insegurança em relação a aplicabilidade do conteúdo nas aulas.

Abordar lutas como conteúdo de ensino nas aulas, não é uma tarefa fácil, Segundo Reis (2013) os obstáculos vão desde a falta de materiais, espaços apropriados, falta de experiência com o conteúdo, até a própria compreensão do que deve ser abordado nesse conteúdo específico.

Apesar de compreendermos esses argumentos, acreditamos que devemos lutar pela formação continuada e pelos recursos materiais que nos permitam trabalhar, de forma ainda mais qualificada, com as lutas, por serem importantes conteúdos para a Educação Física. De acordo com os pressupostos que este coletivo se propõe a trabalhar, entendemos que as lutas configuram-se como um dos elementos da cultura corporal, dada sua importância nos mais diversos períodos históricos e pela perspectiva da sua produção com base na realidade social concreta, sendo essa ação elemento singular do gênero humano e que, por isso, se diferencie da ação instintiva do atacar e defender animais (REIS, 2013, p. 110).

É sobretudo um tema que desperta o interesse dos alunos, segundo Ferreira (2006), as lutas provocam os alunos, pois estão presentes no dia a dia das crianças, nos desenhos, filmes e academia de artes marciais. Se nota também nos intervalos das crianças as brincadeiras que são sempre por volta de uma “*lutinha*”. Lançanova (2006, p. 7) afirma que:

[...] dessensibiliza os mais novos acerca da violência, do choque e do terror de ver alguém sendo agredido. Desenvolvendo essa tolerância à violência, precisarão de cada vez mais violência para serem entretidos.

Ainda para Lançanova (2006), filmes que foram lançados com a temática de lutas, acabam mostrando uma versão errônea dos personagens que lutam, pois, contam com efeitos especiais exagerados e animações computadorizadas, nesse sentido, apresentam uma visão ocidental das artes marciais, resumindo-as a domínio dos movimentos físicos, em detrimento de outros aspectos como o filosófico.

As lutas podem ser trabalhadas também, principalmente na escola, fugindo do alto rendimento que é pregado nas academias, mas de forma dinâmica, de modo que não seja apenas reprodução do que vem sendo imposto na mídia, segundo Rissi (2010), o que é ensinado na mídia acaba prevalecendo, e são características que enfatizam o caráter violento, competitivo e individualista das lutas.

Kunz (1996) aponta que a escola sistematizada é sobretudo um lugar de “expectativas educacionais”, onde o aluno visa a educação intencionalmente. Portanto, não se deve “treinar” o aluno, pois o mesmo tem a escola como um campo de intervenção

educacional intencional, sendo assim, deve-se ensiná-lo de forma prazerosa e não de modo massivo e repetitivo, como acontece nas academias de artes marciais.

O desafio está em escolher o trato pedagógico correto para tematizar o tema em questão, pois segundo Nascimento e Almeida (2007) é um desafio tematizar tal conteúdo nas diferentes realidades em que os professores atuam. E não é necessário ter especialização em lutas, visto que o objetivo não é formar atletas de alto rendimento, mas tematizar o conteúdo.

Necessitamos da reflexão coletiva entre especialistas e não especialistas para produzirmos propostas bem fundamentadas e, com isso, sistematizar novas intervenções que irão contribuir em nossa prática pedagógica e, de certa forma, evitar o distanciamento com o tema (NASCIMENTO e ALMEIDA, 2007, p. 100)

Nesse sentido, o ideal é que o professor tematize as lutas de forma pedagógica e abordando seu conhecimento como um todo, apontando aspectos positivos e negativos e como que esses aspectos podem repercutir na vida dos alunos. É importante também as inserir nas aulas de modo que o aluno possa emitir opinião crítica sobre o tema, obtendo também conhecimento histórico-social.

3. Considerações Finais

Esse trabalho de pesquisa, teve o intuito de proporcionar reflexões e análises a partir de buscas que tiveram um único objetivo, reforçar a necessidade e importância do ensino de Lutas na Educação Física escolar. Os trabalhos lidos foram de encontro a uma única concepção: a aprovação em relação a inclusão de Lutas enquanto componente curricular.

Não é de hoje que estamos cientes quanto aos benefícios das práticas corporais trabalhadas de maneira correta. Portanto, com as Lutas não é diferente. Pode-se desenvolver habilidades como: melhora da atenção, respeito, melhor coordenação motora, força, agilidade, consciência corporal, dentre outros benefícios que o ensino pode proporcionar.

Percebeu-se também a necessidade de ensinar Lutas ainda na graduação de Educação Física, tendo em vista que o profissional preparado, tende a aplicar mais o conteúdo, se comparado aos que tiveram pouco contato. É importante ressaltar que o ideal

é trabalhar a partir dos conhecimentos que pretendem ser abordados a respeito das práticas corporais, tais como técnica, história, cultura e etc.

Portanto, concluímos que a unidade temática Lutas deve sim ser incluído nas práticas do componente curricular de Educação Física. Nesse sentido, deve haver uma atenção direcionada ao ensino das Lutas ainda nos cursos de graduação, pois, tal condição refletirá positivamente para que os futuros profissionais possam estar capacitados e confiantes em relação ao conteúdo. Impactando diretamente na presença da prática da unidade temática em questão.

Esperamos ainda, poder ter contribuído com quaisquer dúvidas quanto à temática em questão. De modo que possa instigar os futuros profissionais que estão em formação, e até mesmo os que já estão formados, a pesquisar e se preparar quanto ao ensino da referida unidade temática.

Referências

ARAÚJO, Ronis da Silva; ALENCAR, Gildiney Penaves de. **Reflexões acerca das lutas na educação física escolar**. Educação Física da Universidade Norte do Paraná Campo Grande – UNOPAR CG – Campo Grande, MS: 2018.

BRANDÃO, Pedro Paulo Souza. **Lutas no Currículo da Educação Física no Ensino Fundamental sob o olhar da diversidade Cultural: Experiências na escola de aplicação da Universidade Federal do Pará**. Dissertação de Mestrado. UFPA: 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 05 de março de 2021.

CARNEIRO, Felipe Ferreira Barros; PICOLI, Carlos; SANTOS, Wagner dos. **Fundamentos ontológicos e epistemológicos das lutas corporais. Pensar a Prática**, v.18, n.3, p. 725-738, jul./set. 2015.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. **Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate**. Motriz. Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 01 – 09, 2010.

BRASIL. Parecer CNE/CP9/2001 - **Diretrizes Curriculares Nacionais** para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: MEC, 2001.

FEREIRA, Heraldo Simões. **As lutas na Educação Física escolar**. Revista de Educação Física, Fortaleza – CE, n.135, nov. 2006

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HARNISCH, Gabriela Simone; WALTER, Lizete Wasem; GUILHERME, Shayda Muniz de Oliveira; SILVA, Bruna Poliana. LOTTERMANN, Ana Laura Fischer; BORELLA, Douglas Roberto. **As lutas na educação física escolar: um ensaio sobre os desafios para sua inserção**. Caderno De Educação Física E Esporte. Physical Education and Sport Journal [v. 16 | n. 1 | p. 179-184 |2018]

KUNZ, Eleonor. **Educação Física Escolar: seu desenvolvimento, avanços e dificuldades**. Ed. MOTRIZ – Vol. 5, nº 1, 1996.

LANÇANOVA, Jader Emílio da Silva. **Lutas na Educação Física Escolar: alternativas pedagógicas**. 2006. 70 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade da Região da Campanha, Alegrete, 2006.

MAZZONI, a. v; OLIVEIRA JÚNIOR, J. L. **Lutas: da pré-história a pós modernidade**. Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_04.pdf>. Acesso em: 20/04/2021.

NASCIMENTO, Paulo R. B.; ALMEIDA, Luciano. **A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades**. Movimento. Porto Alegre, v.13, n. 3, p. 91-110, set/dez, 2007.

NUNES, Mario Luiz Ferrari. **O dispositivo currículo: a produção do sujeito professor de educação física**. e-Curriculum vol.19 no.2 São Paulo jul./set 2021 Epub 30-Ago-2021.

TOCANTINS. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. **Documento Curricular do Tocantins**. Palmas: SEDUC, 2020.

REIS, Adriano de Paiva, et al. (orgs). **Pedagogia Histórico-Crítica e Educação Física**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

RISSI, André Luiz. **Lutas nas Escolas: a concepção dos professores de Educação Física sobre este eixo estruturante**. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – curso de Educação Física, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, 2010

SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; FREITAS, Rogério Gonçalves de. **Luta marajoara e memória: práticas “esquecidas” na educação física escolar em Soure-Marajó**. Caderno De Educação Física E Esporte. Physical Education and Sport. Journal [v. 16 | n. 1 | p. 57-67 |2018]

SO, Marcos Roberto; BETTI, Mauro. **Sentido, Mobilização e Aprendizagem: as relações dos alunos com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física**. Movimento, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 555-568, abr./jun. de 2018.

SOUSA, Daiane Araújo de. **O ensino de lutas corporais indígenas na Educação Física Escolar**: um relato de experiência. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-11, 2021.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário Alves. **A pesquisa bibliográfica**: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio. **O saber e o fazer pedagógicos da Educação Física na cultura escolar**: o que é um componente curricular? In: CAPARROZ, Francisco Eduardo (Org.). Educação Física Escolar: política, investigação e intervenção, v.1. Vitória: Proteoria, 2001. p. 81- 92.